



A ESTÉTICA DO FEIO E A CRÍTICA DE ROGER SCRUTON

FERNANDO THEO PIRON¹

Resumo

O propósito deste trabalho é apresentar as ideias do filósofo Roger Scruton e refletir sobre a beleza e a “estética do feio”, que trata da crescente predominância da glorificação da feiura nas artes e cultura contemporâneas. Para isso foram utilizadas obras d’o autor e também outros pontos de vista que servem como base para construção da argumentação.

Palavras-chave: Estética. Beleza. Crítica.

Abstract

The purpose of this work is to present the ideas of philosopher Roger Scruton and reflect about beauty and the “aesthetics of the ugly”, which deals with the crescent predominance in the glorification of ugliness in contemporary arts and culture. For this, were used works of the author and also other points of view that serve as a basis for the construction of the argumentation.

Keywords: Aesthetic. Beauty. Critic.

INTRODUÇÃO

Roger Vernon Scruton (1944-2020), filósofo britânico, é um dos intelectuais conservadores de maior relevância na atualidade, suas principais obras tratam de estética, política e filosofia moderna. Autor de mais de trinta livros, se esforçou para sistematizar o pensamento conservador. Foi agraciado com prêmios por seus trabalhos em estabelecer redes acadêmicas secretas na Europa oriental durante os anos da cortina de ferro, além de prêmios de literatura e o título honorífico de Cavaleiro Celibatário, pela rainha Elizabeth II do Reino Unido.

As críticas de Scruton à estética da contemporaneidade guardam bastante interesse por possuírem sólidas bases de pensamento, inspirando uma nascente “contracultura” que

¹ Graduando em História pela UFRPE.



luta contra o novo *kitsch* e contra a perpetuação da destruição e profanação do belo e do sagrado.

A BELEZA

No seu livro *Beleza*, Roger Scruton traz diferentes definições sobre a beleza, passando pelos pensadores da antiga Grécia, idade média, do iluminismo e outros, argumentando que todas essas definições não dizem respeito “às coisas do mundo”, mas sim a experiências singulares e a busca por sentido que surge a partir dessas experiências. Ele conclui a obra argumentando que a beleza é uma qualidade objetiva e que possui fundamentos racionais.

Ao longo do primeiro capítulo, Scruton nos apresenta dois conceitos de beleza², um que representa o êxito estético e o outro que representa uma forma específica desse êxito estético, ambos com diversos desdobramentos. Sobre o primeiro tipo, esse seria mais comumente a beleza da harmonia, adequação e até da ordem das coisas que encontramos no nosso cotidiano, como o próprio autor exemplifica, pode ser encontrado numa rua calma e desprestenciosa, onde as casas tem detalhes reconfortantes aos olhos, não tem uma aparência extravagante, tem harmonia visual entre si mesmas e com o meio onde estão construídas, também pode ser encontrada nas atividades do dia-a-dia, como arrumar a mesa ou forrar a cama, onde buscamos atingir uma beleza mín

Figura 1 - Rua desprestenciosa no bairro de Apipucos, no Recife



Fonte: Vinicius Barros

² SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo, É Realizações, 2013, p.177.



O segundo conceito seria daquela beleza que não é exclusiva mas que é mais evidente nas mais reconhecidas obras de arte e da arquitetura, a qual é “arrebatadora”, e que por meio daquela experiência do belo, ao ser presenciado e contemplado, somos transportados em pensamento para um outro plano, próximo ao divino. Sendo essa beleza presente em coisas, mesmo que extravagantes, singulares e imbuídas de significado. Como exemplo temos a catedral de Nossa Senhora da Saúde, em Veneza, ou o Réquiem de Mozart.

Ambos os conceitos também se manifestam tanto na beleza humana, quanto na beleza natural assim como o autor também argumenta. Quando por exemplo presenciamos uma pessoa idosa e vemos beleza no seu rosto, tende a ser uma beleza “mínima” por assim dizer, é belo pois as marcas do rosto mostram que a pessoa sustentou inúmeros sofrimentos e emoções ao longo da vida enquanto que por vezes nos deparamos com uma pessoa cuja beleza e atratividade nos “desnorteia”, gerando uma experiência de beleza “arrebatadora”.

Já na beleza natural temos como exemplo a beleza e afabilidade da vista de belas paisagens como pastos e jardins, o qual representa essa beleza mínima e mais cotidiana, enquanto que também temos a experiência da beleza arrebatadora quando presenciamos visões como Burke define, sublimes, que impõem temor diante a vastidão da natureza, como cadeias montanhosas, cataratas e outras vistas que trazem essa sensação. Diz o filósofo:

A bela paisagem leva-nos a um juízo de gosto, a vista sublime convida a um outro tipo de juízo, no qual nos medimos com a espantosa infinitude do mundo e nos tornamos conscientes da nossa finitude e fragilidade (SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 73)..

Porém, Scruton também argumenta em *Beleza* que pode haver beleza no que, é por senso comum, feio⁹. Para isso exemplifica as melodias de algumas composições de Bartók, que considera rudes e até mesmo repugnantes mas que por meio do ordenamento e pela precisão da música, pode-se ver beleza. Também cita a obra *The Waste Land* de T.S. Elliot, que descreve a tristeza e feiura da vida na cidade moderna. Mas que por meio da escolha de palavras tão ressonantes e pela forma única como é construído o texto, podemos encontrar beleza. Como complemento, também podemos ter essa mesma experiência, de presenciar o belo na forma da descrição de algo feio, ao lermos *Recordações da Casa dos Mortos* de Fiódor Dostoiévski, onde são descritos os horrores do cotidiano numa prisão siberiana de forma tão profunda e até mesmo agradável que vemos também beleza na representação do feio.

⁹ SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 24.



Aí temos uma forte distinção do então exemplificado para a estética contemporânea. Hoje, por fatores que serão discutidos a seguir, as artes, a arquitetura e vida cotidiana não possuem em sua maior parte, segundo a visão “Scrutoniana”, beleza alguma, nem mesmo, como citado nos últimos exemplos, na elaboração das coisas.

2.1 - A IMPORTÂNCIA DA BELEZA

A beleza tem sido desde os primórdios da nossa espécie um instrumento de atribuição de significado ao mundo em que vivemos. Desde as flautas de osso encontradas em escavações arqueológicas de humanos primitivos, que eram utilizadas para tocar simples melodias, às composições espetaculares de Mozart. Ela é o pilar tanto da cultura popular quanto da “alta cultura”, inspira obras de arte e movimentos culturais característicos desde tempos imemoriais.

Figura 2 - Fragmentos de flautas de osso encontradas na Alemanha



Fonte: Viramundo e Mundovirado

Ao longo de seu documentário *Why Beauty Matters?* Roger Scruton também nos apresenta diferentes visões históricas sobre a beleza nos mostrando que a beleza tem sido por meio do reconhecimento de que temos necessidades espirituais, uma “válvula de escape” que permite que desviemos nossos olhares e pensamentos das preocupações e sofrimentos da vida terrena seja para nos aproximarmos do divino como acreditava Platão, seja para ocupar nossos pensamentos durante a entediante rotina. É uma parte essencial em como



vemos o mundo e no que somos. Pode ser encontrada na natureza, música, arte, e até mesmo na matemática. Complementando no seu livro *Como ser um conservador*, Scruton diz que:

A cultura da beleza tem um enorme valor para nós, transmitindo um enorme valor para nós, transmitindo uma visão do lar e do sentido de pertença que nos inspira nos momentos mais solitários e que lança luzes sobre as piores aflições (SCRUTON, Roger. Como Ser Um Conservador. São Paulo, Record, 2015)

Também em *Why Beauty Matters?*, argumenta que a beleza se faz portanto um desejo humano fundamental, como nossa necessidade por comida e abrigo. E assim como na ausência dessas, nós sofreremos, a falta da beleza em nossas vidas também gera sofrimento. Portanto, a beleza importa porque nos faz bem.

A ESTÉTICA

A origem da estética remonta à antiguidade clássica com as ideias de Platão, Aristóteles e outros sobre a arte e a beleza, mas foi no século XVIII, mais precisamente em 1750, que o termo “estética” foi cunhado por Alexander Baumgarten na sua obra “Aesthetica”, e começou a ser usado para descrever a investigação sistemática dessas questões.

A estética não se limita apenas ao visual, mas abrange todos os tipos de manifestações artísticas, incluindo a literatura, música, arquitetura, etc. Também envolve questões relacionadas à expressão artística, à criação e à interpretação de significados por meio da arte.

Scruton traz em *Beleza* sua visão de que a estética deve ser livre da ideologia e elabora além das ideias de Shaftesbury e Kant¹⁰ afirmando que a nossa postura antes o belo, na ação contemplativa, deve possuir um interesse desinteressado. Também critica filósofos marxistas por argumentarem que essas ideias de interesse desinteressado foram formuladas expondo um fragmento da ideologia burguesa, e nos diz que:

“Se quiser desprezar o interesse estético por ser algo que pertence à ideologia burguesa, é a você que caberá descrever a alternativa não burguesa em que a estética seria de algum modo redundante e as pessoas não mais precisariam encontrar refúgio na contemplação da beleza. Nada disso jamais foi feito. E nem poderia.” SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 73.)

10 SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 35.



3.1 A ESTÉTICA DO FEIO

Mas o que seria afinal a “estética do feio”? E qual a sua origem? Bem, essa expressão aqui cunhada poderia ter diversos sentidos, mas aqui iremos utilizá-la apenas ao tratar da tendência da arte moderna e outras esferas culturais na contemporaneidade da glorificação do feio, absurdo e chocante em detrimento da beleza.

Ao longo dos séculos, sempre houve nas artes a tendência do surgimento e retorno do *kitsch* (sem originalidade, sentimental, etc.), e sempre que isso ocorre, a arte se rebela contra os padrões estabelecidos¹¹. Assim sendo, no advento da contemporaneidade a arte se tornou cada vez mais avançada, realista e preocupada com a técnica, aos poucos deixando de lado a criatividade dos artistas e isso acabou gerando obras cada vez menos “originais”, e o *kitsch* se tornou cada vez mais frequente. Para escapar disso, os primeiros modernistas começaram a praticar inovações em suas obras, quebrando os padrões estéticos até então estabelecidos.

Porém isso não foi o suficiente. em *Why Beauty Matters?*, Scruton mostra que em 1917, o Francês Marcel Duchamp (1887-1968) “criou” sua obra *Fonte*, que se trata de um urinol com uma assinatura fictícia, “R.Mutt”, a qual foi apresentada numa exposição da Associação dos Artistas Independentes de Nova York. A partir de então, mesmo que não tenha sido o intuito de Duchamp, conforme confirmou em entrevista posteriormente, popularizou-se a ideia de que *qualquer coisa* pode ser arte.

Como Roger Scruton argumenta diversas vezes em suas obras, o belo nos aproxima do divino ou sagrado. Já Duchamp, diz em uma entrevista, que Scruton exhibe no documentário *Why Beauty Matters?*, que as consequências de *Fonte* não foram como Duchamp imaginava, mas ainda sim surtiram algo que ele desejava: o afastamento das pessoas da religião, pela relativização do belo.

11 SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 202.

Figura 3: *Fonte*, de Marcel Duchamp

Fonte: Association Marcel Duchamp / ADAGP, Paris / SODRAC, Montréal (2017). Photo NGC

Já sobre arquitetura, Roger Scruton, tanto em seu livro *Beleza* quanto em seu documentário *Why Beauty Matters?* Culpa o arquiteto americano Louis Sullivan¹², o qual em sua obra *The Tall Office Building Artistically Considered*, de 1896, diz que “a forma segue a função”, e que isso teria sido a justificativa para que os arquitetos a partir do século XX tenham usado essa ideia como um lema para praticar as maiores atrocidades estéticas já vistas, inicialmente com prédios sem ornamentação alguma e com formas simplificadas; e posteriormente com designs extravagantes e egoístas, que não se preocupam e quebram totalmente a harmonia estética do seu entorno.

Scruton também nos fala da glorificação do feio em outras esferas da cultura, como a literatura, cinema, vida cotidiana, podemos acrescentar até mesmo vestimenta.

ALGUMAS RESSALVAS

Podemos elencar alguns problemas nos argumentos de Scruton. Por exemplo, sua acusação contra Louis Sullivan, no que diz respeito a arquitetura, mesmo que fundamentada no conhecimento “popular” entre os arquitetos do século XX, que utilizavam o lema “a forma segue a função” para justificar seus projetos, não é justa, já que, ao se analisar a obra e vida de Sullivan, que não é o objetivo deste trabalho, vemos que além de que nunca foi de fato contra a ornamentação e belas formas em edifícios, na realidade, o original do texto de Sullivan, “Form ever follows function” (a forma sempre segue a função), e não denota que a forma *deve* seguir a função de um edifício, mas que *tende* a seguir.

12 SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 30.



A arquitetura moderna, que Scruton considera feia e livre de ornamentos e outros fatores estéticos, se deve muito mais aos arquitetos alemães e austríacos como Adolf Loos, o qual trabalhou de fato trabalhou com Sullivan, autor do ensaio “Ornamentação e Crime” que argumentava que ornamentação inibia progresso cultural, e sua casa de Steiner, e os movimentos como Walter Gropius e Bauhaus

Talvez por ignorância ou simples descuido, Scruton tenha “culpado” Sullivan, mas mesmo assim é algo a se levar em consideração.

Figura 4: Auditório de Chicago, projetado por Louis Sullivan



Fonte: architecture.org



Figura 5: Casa de Steiner, Vienna, projetada por Adolf Loos



Fonte: Carlo Mastrosimone

Uma outra questão problemática que surge a partir das ideias de Scruton é que é claramente mais fácil para pessoas de classe média e alta desfrutarem da beleza em suas vidas cotidianas, porém, é bem mais difícil para pessoas pobres. Isso é evidente em comunidades carentes por todo o mundo, onde moradias e casas são construídas das formas mais simples, para fornecerem um teto sob o qual uma pessoa ou família possam se abrigar, não buscando requintes estéticos ou ornamentações. Além disso há situações de perigo constante as quais essa população vulnerável está comumente exposta, assim sendo mais difícil essa busca pela beleza, que até pode ser buscada, com atenção pro cotidiano, mas como argumentado, sendo mais difícil.

A CRÍTICA

A crítica de Roger Scruton concentra-se principalmente ao abandono do rigor pelas formas, promovido pelos vanguardistas das artes modernas e contemporâneas¹³. Mas resume-se a isso, também trata de como esse abandono pelas formas explicita faltas morais, ao optar-se pelo ridículo e pelo chocante.

Ao longo de *Beleza*, Scruton utiliza as ideias de Kant e Shaftesbury sobre a universalidade da beleza. Por sermos seres racionais, somos capazes de emitir juízos universais sobre a beleza e ao declararmos algo como belo, todos devem conseguir reconhecer a beleza

¹³ ARIELO, Flávia Santos. Em defesa da beleza: o sagrado e a filosofia da beleza de Roger Scruton, p.99.



deste determinado objeto¹⁴. Alguns podem, por meio do seu gosto pessoal, preferir a beleza de outra coisa, porém, ao emitir o juízo de que algo é belo, por meio da nossa prerrogativa da racionalidade, todos devem ser capazes de concordarem com esse juízo.

Já na contemporaneidade, como explicado anteriormente, com *Fonte* de Duchamp e outras, a arte foi relativizada, e conseqüentemente, a beleza também. A objetividade da beleza se transformou em subjetividade. Além disso, como percebemos, para Scruton, a beleza nos aproxima do sagrado, e acaba também sendo sagrada (não estamos tratando de arte sacra, que se destina a funções de devoção e culto). Esse é um conceito estritamente filosófico que deriva da ideia de Scruton de que os temas e a linguagem formam da arte derivam de verdades espirituais.

Scruton identifica na modernidade o desejo de profanação, ou como ele mais especificamente diz, dessacralização daquilo que é belo, e também diz que isso se tem se tornado o padrão na arte. Isso deriva do contraste da alteza a qual a arte nos remete, com a baixaza da vida moderna.

“A dessacralização é uma espécie de defesa contra o sagrado, uma tentativa de suprimir suas reivindicações. Na presença de objetos sagrados, nossas vidas são julgadas, e no intuito de escapar desse julgamento, destruímos aquilo mesmo que parece nos acusar.” (SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 186.)

No documentário *Why Beauty Matters?*, ao entrevistar o escultor tradicionalista Alexander Stoddart, e discutir sobre a arte que representa a forma humana, Scruton diz que essa padronização da profanação da arte é uma imoralidade, pois tem tirado o significado da forma humana, além de também ser uma tentativa de privar as pessoas do conhecimento. Também complementa:

“O establishment da arte contemporânea, se afastou do antigo curriculum, colocava a beleza e a habilidade, no topo da agenda. Estes como Alexander Stoddart, que tentam restaurar a antiga conexão entre o belo e o sagrado são vistos como antiquados e absurdos” (SCRUTON, Roger. Why Beauty Matters?, 2009.

No centro da glorificação do feio estão a luxúria e o egoísmo. A busca cada vez maior e mais comum pelo máximo de prazer e também autopromoção acabam incentivando a comercialização e consumo excessivos da arte contemporânea, que buscam cada vez mais por choque e escândalo como forma de chamar atenção¹⁵, como por exemplo a pornografia leve cada vez mais presente nos programas de TV e na literatura, as vestimentas cada vez mais “absurdas” de celebridades, entre outros. Para Roger Scruton, isso diminui a importância da contemplação estética e coloca ênfase na superficialidade ao invés da busca

14 SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 41.

15 SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013



pela compreensão e apreciação desinteressada da arte. Scruton ainda argumenta que, a arte contemporânea e moderna, que surgiu como forma de se rebelar contra o *kitsch*, acabou por se tornar o novo *kitsch*, que, diz o filósofo, “Invade as obras de uma cultura viva quando as pessoas passam a preferir as pompas sensoriais da crença em detrimento daquilo que de fato se crê.” (SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 200.)

Esse egoísmo também tem reflexo na arquitetura, que para Scruton é uma das principais formas na qual nós, especialmente os que vivemos em centros urbanos, temos de contemplar a beleza. Com a subjetificação do belo, os arquitetos, se preocupam cada vez menos com o entorno e a harmonia dos ambientes, projetando e construindo edifícios cada vez mais extravagantes e assimétricos, onde várias dessas edificações competem entre si pelo “trófeu” de mais chamativo¹⁶. Em contraste, há a harmonia e arquitetura tradicional, onde as mais extravagantes edificações, como as catedrais Italianas, além de prezarem pelas formas, não tem em seu entorno “competição”, e as vizinhanças são humildes e despretensiosas.

Figura 6: Catedral de Santa Maria del Fiore, em Florença, se mantém como destaque



Fonte: MSN

¹⁶ SCRUTON, Roger. *Beleza*. São Paulo, É Realizações, 2013.



Figura 7: Velha Catedral de Santa Maria em Chicago, ofuscada pelo grande edifício



Fonte: Tripomizer

Outro argumento de Roger Scruton a respeito da arquitetura bela é o de que quando um edifício belo perde sua função original, tende-se a preservá-lo e encontrar outras funções para ele, enquanto que edifícios “feios” como os “clássicos” do brutalismo e da arquitetura moderna, tendem a ser demolidos. Isso ocorre pois as pessoas não vêem de fato essas construções como algo que deva ser preservado, pois não é algo com que elas se identificam.

“Edifícios belos trocam de uso; construções meramente funcionais são derrubadas. A Santa Sofia, em Istambul, nasceu igreja, tornou-se quartel, estábulo, mesquita e, por fim, museu. Os lofts da Lower Manhattan passaram de armazéns a apartamentos, de apartamentos a lojas e (em alguns casos) de lojas a novos armazéns, conservando ao longo de todo esse tempo o seu charme e sobrevivendo precisamente por causa dele” (SCRUTON, Roger. Beleza. São Paulo, É Realizações, 2013, p. 31.)

Acrescentemos que a Santa Sofia virou mesquita novamente. Mas por fim, Scruton ainda complementa argumentando que quando levamos a beleza a sério a função deixa de ser variável e é absorvida no objetivo estético, portanto mesmo que a beleza possa parecer não ter utilidade ao curto prazo, ao longo se revela como algo essencial.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a análise das ideias de Roger Scruton sobre estética e suas críticas à tendência contemporânea de glorificar o feio, revelam uma profunda reflexão sobre os valores fundamentais da arte e da apreciação estética. Scruton, com sua defesa da busca pela beleza e do reconhecimento da importância da tradição cultural, oferece um contraponto significativo aos movimentos artísticos contemporâneos que muitas vezes buscam a provocação pela provocação, às vezes à custa da qualidade estética.

Ao explorar as raízes da apreciação estética em nossa conexão com a tradição e nossa busca por padrões universais de beleza, Scruton nos incentiva a reavaliar o papel da arte em nossa cultura. Porém é importante também reconhecer que a estética contemporânea não é homogênea e abrange uma ampla gama de expressões artísticas e abordagens criativas. Enquanto Scruton levanta preocupações legítimas sobre certas tendências, é essencial manter um diálogo aberto e inclusivo sobre o valor e o propósito da arte em todas as suas formas.

Em última análise, as ideias de Scruton sobre estética nos desafiam a considerar o equilíbrio delicado entre a inovação criativa e a preservação dos valores estéticos tradicionais. Suas ideias nos convidam a refletir sobre como a arte pode se tornar uma fonte de significado e enriquecimento cultural, enquanto continuamos a explorar as complexidades e os debates em torno da apreciação estética no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ARIELO, Flávia Santos. **Em defesa da beleza: o sagrado e a filosofia da beleza de Roger Scruton**. 2019. 145 f. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <[REPOSITÓRIO PUCSP: Em defesa da beleza: o sagrado e a filosofia da beleza de Roger Scruton](#)>. Acesso em: 19 de agosto de 2023.

CRISTIANINI, Maria Carolina. **O que há de tão importante no urinol de Duchamp?**.



Aventuras na História, Brasil, 31 de agosto de 2018. Disponível em: <[O que há de tão importante no urinol de Duchamp? \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br)>. Acesso em 20 de agosto de 2023.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo, É Realizações, 2013.

SCRUTON, Roger. **Como Ser Um Conservador**. São Paulo, Record, 2015.

SCRUTON, Roger. **O Rosto de Deus**. São Paulo, É Realizações 2015.

SULLIVAN, Louis H. **The Tall Office Building Artistically Considered**. Estados Unidos, 1896.

WHY BEAUTY MATTERS?. Direção: Louise Lockwood. Apresentação: Roger Scruton. Produção: Andrew Lockyer. Reino Unido: BBC, 2009.